



Os caminhos percorridos pela população negra pelotense no pós Abolição 1888-1930.

ANA PAULA SOARES GOUVÊA¹; ADHEMAR LOURENÇO JUNIOR

¹Universidade Federal de Pelotas – anapaula0812@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – adhemarj.ez@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O sistema escravista brasileiro chegou ao fim e os senhores de escravos foram eximidos da responsabilidade de zelar pelo destino do ex-cativo. Esse, por sua vez, encontrava-se sem respaldo pelo Estado, a Igreja ou outra instituição que alimentara a escravidão. Todavia, a campanha abolicionista teve um papel inovador numa época em que se privilegiavam os direitos senhoriais. Nesta caminhada, a participação do ex-agente do trabalho escravo na revolução abolicionista foi fundamental, pois o peso do passado histórico do negro fez com que sua contribuição transformasse em massa de manobra em mãos de abolicionistas brancos.

Conforme explicita Fernandes, (1978:17), a abolição da escravatura chegou mais cedo em regiões menos prósperas. Nestas localidades, a mão-de-obra substituta vinha das fazendas do leste e sul. Para os proprietários de terras, a abolição em regiões menos prósperas era uma dádiva. Na verdade, havia dois critérios para corrigir a demanda por braço nas lavouras: ou o ex-cativo adequar-se-ia ao sistema tradicional paternalista, incluindo a exploração no trabalho, ou bem engrossaria a fila de desempregado na cidade. Nas regiões em que predominava alta concentração na produção, os trabalhadores correspondiam com a demanda.

Diferentemente do caso de São Paulo, em Pelotas, no Rio Grande do Sul, o trabalhador negro congregou-se em uma rede associativa negra surgida ainda no Império e extinguida nas primeiras décadas da República. Em Pelotas, o associativismo negro representado pelas diversas sociedades beneficentes teve o papel de gerir subsistência à população negra. Conforme destaca Loner (1999^a), as primeiras décadas do século XX em Pelotas, fez surgirem clubes e associações negras, teatrais, carnavalescas, futebolísticas entre outros. Imperava de maneira implícita na cidade um preconceito contra pessoas negras. Com a finalidade de ilustrar o que acabamos de expor, destacamos um trecho da tese de doutorado de Beatriz Ana Loner (1999 p.260), onde a autora expõe o tratamento a que era reservada ao negro em Pelotas.

“Frequentemente surgiram notícias nos jornais, envolvendo trabalhos forçados a que eram submetidos trabalhadores pela prefeitura, sob o pretexto de vagabundagem (...); ou humilhações públicas de negras, presas em baile, as quais eram obrigadas a varrer as ruas ainda com os vestidos de festa. As mesmas notícias informavam que as mulheres eram criadas de casas senhoriais, que tentavam distrair-se em seus poucos momentos de lazer (...).”(LONER, 1999:260)2. METODOLOGIA

Assim sendo, a historiadora Loner ilustra bem a maneira em que a sociedade pelotense via o negro no início do século XX. Nesse sentido, a autora deixa claro o quão o ex-agente do trabalho escravo era marginalizado na



sociedade pelotense. Não bastasse a existência do preconceito implícito, havia a concorrência no mercado de trabalho com o imigrante. Ao trabalhador estrangeiro não lhes pesava sobre seus ombros o passado escravista, pois com sorte poderia constituir sociedade com algum patrício. Oportunidades como estas estavam fechadas para o ex-cativo. Com o propósito de adquirir uma condição mais digna pela sobrevivência, o trabalhador negro viu-se compelido a sistematizar-se em uma ampla rede associativa negra em Pelotas. De início, estas entidades assistenciais procuraram amparar seus sócios, mais tarde, criou-se uma identidade cultural. (na tese, recuso “assistencialismo”, porque assistência é importante!)

2. METODOLOGIA

Procurou-se fazer uma análise dos caminhos trilhados pelo trabalhador negro em Pelotas após o 13 de Maio. Por meio de uma discussão historiográfica buscou-se fazer um levantamento das associações negras criadas ainda no Império, tendo como objetivo propiciar uma assistência para o ex agente do trabalho escravo na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

. A Sociedade Deus, Fé e Caridade costumava utilizar ambas as vertentes religiosas católica e africana na luta contra a escravidão. Já a Sociedade Beneficente Harmonia dos Artistas, da qual se dissolve e transforma-se mais tarde na Fraternidade Artística, o Centro Ethiópico de viés político esteve na festa de emancipação em Pelotas no ano de 1884. O clube Nagô, Conforme as pesquisas de Mello (1994, p.93 apud Loner, 1999, p.244), era constituído por negros, contudo, suas atividades levantadas no jornal do período não confirma o exposto por Mello.

Em 1880 surgem em Pelotas as sociedades beneficentes. De início, a primeira a aparecer foi a Fraternidade Artística que logo se dissolveu transformando-se na Harmonia dos Artistas. (LONER, 1999, p 246) Já a Feliz Esperança tinha como um diferencial aceitar escravos na qualidade de associados, além disso, chegou a promover conferências socialistas e operárias, bem como, disponibilizou aulas noturnas e bibliotecas aos seus associados. Para a primeira década republicana surgiam em Pelotas com duração efêmera as entidades Montepio da União Africana, a Sociedade Progresso da Raça Africana e a Socorro dos Artistas. No entanto, apenas a Fraternidade, Harmonia e Feliz Esperança tiveram caráter longo por mais de 30 anos.

Constituída por mulheres negras, em 1908 surgia em Pelotas a Sociedade de Socorros Mútuos Princesa do Sul. Concordamos com Loner, (1999, p.248) quanto a sua provável origem, pois talvez ela tenha se originado da S. S. Mártires da Princesa do Sul fazendo uma crítica referente ao passado. O ano de 1890 viu surgir na cidade de Rio Grande a Sociedade Cooperativa Filhos do Trabalho constituída em sua maioria por negros. Em 1892, o presidente desta instituição, Marcos Caetano da Cunha conseguia se eleger na primeira Liga Operária. Além disso, Cunha chegou a fazer parte da Harmonia dos Artistas em Pelotas.

Para a primeira década da República aconteciam mudanças com as sociedades negras recreativas. Colocava-se, portanto, fim nas sociedades ligadas à Abolição sendo substituídas por outras. Este foi o caso de Flores do Paraíso, Juventude Pelotense, Satélites do Progresso e Recreio dos Operários, todas



bailantes, teatrais ou carnavalescas. A década de 10 viu desaparecer as sociedades beneficentes para dar lugar às entidades recreativas e carnavalescas, como o G. R. 24 de Junho, Chove Não Molha e o carnavalesco Fica Ahí Pra ir Dizendo.

As sociedades beneficentes negras, conforme destacado na pesquisa de (Loner, 1999, p.246), surgem no início de 1880. Da Fraternidade Artística aparecia a sua dissidente Harmonia dos Artistas. Esta, nascida no período escravista, utilizava fundos emergenciais para libertar escravos. Já a sociedade Feliz Esperança, seu nome inicialmente era Associação Lotérica Beneficente Feliz Esperança em alusão à “esperança” dos seus sócios em conquistar a tão sonhada liberdade. Esta sociedade tal como as demais existentes, participou da festa emancipatória em Pelotas ocorrida em 1884, onde a camada senhorial libertava a escravidão mediante contratos de trabalho. Ainda sobre a Feliz Esperança, promoveu aulas noturnas e biblioteca para seus associados, pois a direção acreditava que a educação elevaria o status do homem de cor na sociedade, visto que havia poucos escravos com domínio e prática da leitura (alfabetizados).

4. CONCLUSÕES

Em vista do exposto acima, conclui-se que os caminhos trilhados pelo trabalhador negro após a abolição foram difíceis. Entretanto, como sugere a pesquisa de Florestan Fernandes (1978), São Paulo não acolheu o ex agente do trabalho escravo. Ao passo que na pesquisa feita por Loner (1999) negros e mulatos tiveram de lutar para ter uma vida mais digna através das associações negras.

5. REFERÊNCIAS:

- FERNANDES, F.O **Negro na Emergência da Sociedade de Classes**. In: FERNANDES, F. Ática, 1978 A integração do negro na sociedade de classes. 3 edição. São Paulo: Ática, 1978. Capítulo 1 A emergência do negro na sociedade de classe. pp.15-97.
- LONER, B. A. Associações Negras. In: LONER, B. A. capítulo 5 **Associações Negras**. In: LONER, B. Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Universidade federal de Pelotas. Ed. Universitária: Unitrabalho, 2001. pp239-280